

*Vanitas vanitatum: As virtudes com vaidade em Matias Aires*¹

Prof. Dr. Antônio Pedro Mesquita
(Universidade do Minho – Braga – Portugal)
apmesquita@netcabo.pt

Resumo: “Só a vaidade é constante em nós”: esta a expressão de que Matias Aires se serve para sublinhar a singularidade do estatuto da vaidade e para converter a simples constatação empírica da sua universalidade numa postulação da própria vaidade como princípio universal. Esta lição é por ele exaustivamente corroborada através do escrutínio daquilo a que poderíamos chamar os tipos extremos de vaidade. Em primeiro lugar, a vaidade associada a determinadas castas (a nobreza, o clero, a elite intelectual, etc.). Em segundo lugar, o da vaidade paradoxalmente experimentada em certas situações-limite (o sofrimento, a desgraça, o suplício, a iminência da morte). Em terceiro lugar, a vaidade como causa da virtude. Em quarto e último lugar, a própria vaidade de não ter vaidade. O presente escrito é dedicado a apresentação destes tipos extremos de vaidade e, com especial detalhe, dos incluídos no terceiro grupo, por forma a documentar o modo como as virtudes são encaradas como formas ou produções da vaidade na filosofia moral de Matias Aires.

Palavras-chave: vaidade; natureza; amor; virtude.

1. Considerações iniciais

“Tudo são produções da vaidade”²: esta, nos seus próprios termos, a tese axial das *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens* de Matias Aires. Encontramo-la, por isso mesmo, reiteradamente afirmada dos mais diversos modos ao longo da obra³.

O lugar canónico será, contudo, porventura, este⁴: “Tudo no mundo é vão, por isso a vaidade é a que move os nossos passos: para donde quer que vamos a vaidade nos leva e imos por vaidade. Mudamos de lugar, mas não mudamos de mundo”. O carácter paradigmático deste trecho prende-se a dois aspectos que ele exprime com particular nitidez.

Em primeiro lugar, o fato de afirmar a universalidade da vaidade a partir dos grandes princípios da antropovisão matiana que algures tivemos ocasião de escrutinar⁵ e, em especial, a partir do preceito fundador de uma universal precariedade de todas as coisas: a vaidade move os nossos passos *porque* “tudo no mundo é vão”.

1 Retoma-se no presente texto, com alterações e adaptações, diversas secções do quarto capítulo da obra *Homem, Sociedade e Comunidade Política. O Pensamento Filosófico de Matias Aires*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.

2 § 64. Aqui como nas demais citações, atualizamos sempre que necessário a ortografia e a pontuação.

3 Nomeadamente: §§ 1, 10, 17, 31, 32, 40, 61, 64, 72, 79, 81.

4 § 20.

5 Remetemos o leitor para o estudo indicado na nota 1, em especial no capítulo III: “Uma Caracterização Pessimista do Homem”.

Em segundo lugar, a circunstância de nela se conferir consistência ontológica, e, portanto irrecusabilidade fatural, à vaidade, como um elemento constitutivo e estruturante do mundo: razão pela qual, por mais que mudemos ou por mais que nos mudemos, não é possível “mudar de mundo”, quer dizer, não é possível mudar *o mundo*, enquanto justamente determinado pela vaidade.

Outros depoimentos vão também nesta direção, acentuando cada um deles diferentes facetas do conceito: ora simplesmente a sua universalidade⁶, ora a sua permanência e substancialidade, como uma espécie de transcendental constitutivo da natureza humana⁷, ora, ainda, a sua radicalidade, como princípio último, irremissível e insuperável, dessa mesma natureza⁸.

É, todavia, num curto trecho, na aparência inócuo, que de modo mais incisivo se sugere a verdadeira dimensão deste conceito no quadro da cosmovisão matiana⁹:

Só a vaidade é constante em nós; em tudo o mais a firmeza nos molesta: com o tempo e a razão vimos a perder uma grande parte da sensibilidade no exercício das paixões; porém o exercício da vaidade não se perde com a razão nem com o tempo. O nosso gosto debilita-se, altera-se, muda-se, e também se acaba; a vaidade sempre persiste e dura ...

2. A permanência da vaidade

À primeira vista, trata-se de uma mera reiteração de noções já mencionadas, designadamente a permanência e radicalidade da vaidade. Ele é, na verdade, bem mais do que isso, na medida em que o simples assinalamento da permanência da vaidade constitui, por si só, um testemunho paradoxal e digno de atenção.

Com efeito, como acolher esta emergência de um absolutamente permanente num mundo de cuja descrição foi repetidamente arredada toda a perenidade¹⁰ e a cuja descrição, aliás, esta mesma emergência se ficou em primeiro lugar a dever?

6 “É rara a cousa em que não tenha parte a vaidade” (§ 61). “Tudo são produções da vaidade (...). A vaidade é de todo o mundo, de todo o tempo, de todas as profissões e de todos os estados.” (§ 64)

7 “Só a vaidade não enfraquece, por mais que o vigor nos falte; como se fora um afeto da alma independente da disposição do corpo.” (§ 32)

8 “Quase tudo transcende à nossa compreensão, mas nada transcende à nossa vaidade.” (§40)

9 § 81.

10 Para citar apenas alguns exemplos, todos da mesma secção do texto: “a fatal revolução do tempo e o seu curso rápido, que nenhuma cousa pára nem suspende, tudo arrasta e tudo leva consigo ao profundo de uma eternidade”; “as idades se renovam, a figura do mundo sempre muda, os vivos e os mortos continuamente se sucedem, nada fica, tudo se usa, tudo acaba; “tudo cede à voracidade cruel do tempo”; “tudo no mundo são sombras que passam... Nas cousas é trânsito o que nos parece permanência...; de sorte que propriamente só podemos dizer que as cousas estão acabando e não que estão sendo” (§§ 27-29).

Esta interrogação é em si mesma instrutiva. Pois, independentemente da resposta que venha a merecer, ela patenteia o caráter absolutamente singular da vaidade no mundo matiano, enquanto única realidade que transcende a lei de radical impermanência a que tudo o mais está submetido.

“Só a vaidade é constante em nós”: esta a expressão de que Matias Aires se serve para sublinhar a singularidade do estatuto da vaidade e para converter a simples constatação empírica da sua universalidade numa postulação da própria vaidade como um princípio universal.

Esta lição, aqui meramente sugerida, é depois corroborada pelo exaustivo escrutínio daquilo a que poderíamos chamar os *tipos extremos de vaidade*, a que Matias Aires mete ombros para ilustrar e confirmar a universalidade da vaidade.

Em primeiro lugar, *a vaidade associada a certas castas*. É aqui, sobretudo que Matias Aires dá largas ao seu demolidor sentido crítico, limitado muito embora, no que toca ao âmbito e não ao vigor, ao socialmente aceitável e, portanto, poupando o Soberano e a Igreja, a qual reaparece, no entanto, insinuada nalgumas das suas figuras mais excêntricas¹¹.

Em segundo lugar, o da vaidade paradoxalmente experimentada *em certas situações-limite*. Matias Aires é aqui, sobretudo um psicólogo ou um fenomenólogo das emoções, procurando mostrar como a vaidade não enfraquece nem perante as situações mais extremas da existência humana, antes se reforça diante delas.

Para isso, representa sucessivamente a vaidade no sofrimento¹², a vaidade na desgraça e na

11 Cf. §§ 3, 7 e especialmente 20 e 37.

12 “Há ocasiões em que contraímos a obrigação connosco de não admitirmos alívio nas nossas mágoas e nos armarmos de rigor e de aspereza contra tudo o que pode consolar-nos, como querendo que a constância na pena nos justifique e sirva de mostrar a injustiça da fortuna: parece-nos que o ser firme a nossa dor é prova de ser justa; esta ideia nos inspira a vaidade, menos cuidadosa no sossego do nosso ânimo do que atenta em procurar a estimação dos homens. Uma grande pena admira-se e respeita-se; é o que basta para que a vaidade nos faça persistir no sentimento.” (§ 18. Cf. §§ 19, 84)

miséria¹³, a vaidade no suplício¹⁴ e, finalmente, a vaidade no sacrifício da vida¹⁵ e na própria morte¹⁶.

Em terceiro lugar, aquele em que nesta ocasião, sobretudo nos deteremos: a vaidade como, ela própria, *causa da virtude*. Com grande nitidez, a ideia é exposta quase no início das *Reflexões*¹⁷:

De todas as paixões, a que mais se esconde é a vaidade; e se esconde de tal sorte que a si mesma se oculta e ignora: ainda as ações mais pias nascem muitas vezes de uma vaidade mística que quem a tem não a conhece nem distingue: a satisfação própria que a alma recebe é como um espelho em que nos vemos superiores aos mais homens pelo bem que obramos, e nisso consiste a vaidade de obrar bem.

Mas Matias Aires não se fica por este apontamento genérico. Tal como nos restantes casos, desce depois à consideração concreta dos mais representativos exemplos.

Acima de tudo, neste grupo, a vaidade na honra¹⁸:

Não há maior injúria que o desprezo; e é porque o desprezo todo se dirige e ofende à vaidade; por isso a perda da honra aflige mais do que a da fortuna (...). Poucas vezes se expõe a honra por amor da vida e quase sempre se sacrifica a vida por amor da honra. Com a honra, que adquire, se consola o que perde a vida; porém o que perde a honra não lhe serve de alívio a vida, que conserva: como se os homens mais nascessem para terem honra que para terem vida, ou fossem formados menos para existirem no ser que para durarem na vaidade. Justo fosse que amassem com excesso a honra, se esta não fosse quase sempre um desvario, que se sustenta da estimação dos homens e só vive da opinião deles.

13 “Tudo são produções da vaidade, esta até nos faz achar consolação nas mesmas razões do nosso dano; até nos faz descobrir utilidade na nossa mesma perda; e até nos sabe mostrar um semblante de fortuna na nossa mesma ruína. Uma circunstância leve e incerta em que a vaidade se entretinha basta muitas vezes para suspender a atividade do nosso mal e para desviar do nosso pensamento a maior parte dele. A virtude maltratada encontra alívio na mesma persecução, porque a vaidade lhe sugere em si a imagem de um martírio: a inocência oprimida sente menos a aflição, porque se desvanece em considerar-se vítima, de que é propriedade o ser inocente; e, com efeito, a constância no sofrimento é um justo motivo de vaidade, porque ainda na fama de um herói não há tanta grandeza como no silêncio de um homem aflito; por isso a paciência nunca faz rogos inúteis: um homem mudo na desgraça parece que força a providência a o consolar. O merecimento desprezado entra na vanglória de crer que todos reparam no descuido do prêmio; um facinoroso arrasta com arrogância os ferros e vai com resolução para o suplício: a vaidade que lhe anima os passos consiste na mesma atrocidade do delito: a mesma pobreza costuma fazer ostentação da miséria. A vaidade é de todo o mundo, de todo o tempo, de todas as profissões e de todos os estados.” (§ 64)

14 “A mesma morte não se mostra com igual semblante nos suplícios; porque a qualidade deles influi maior ou menor pena; por isso as honras do cadafalso servem de alívio ao delinquente; porque a vaidade, que está vendo a atenção do golpe, deste esconde ao mesmo tempo o horror e, entretida nos faustos do luto, desvia da memória uma grande parte da consideração da ruína.” (§ 33) Cf. também § 63: “Estimamos viver na lembrança dos Reis, ainda que seja por meio da desgraça: o mesmo decreto que impõe a pena suaviza o efeito dela, porque há um instante em que a vaidade nos representa o Soberano ocupado de nós: o castigo que imediatamente vem do Trono parece que de algum modo nos ilustra.”

15 § 69

16 §§ 1-2; cf. § 36.

17 § 3.

18 § 4. Cf. §§ 25, 74.

Claramente, deparamo-nos perante a oposição entre natureza e vaidade que é característica do pensamento matiano¹⁹. E, também neste texto, a natureza é feita primar sobre a vaidade. Todavia, esta dupla lição adquire aqui matizes peculiares e que merecem ser cuidadosamente assinalados. Com efeito, nele não se trata apenas de patentear a contradição entre natureza e vaidade. Tão-pouco se trata de enfatizar simplesmente a universalidade da vaidade, enquanto ela se insinua inesperadamente em todos os planos e momentos do humano, inclusive na própria virtude. E não se trata, sequer, de sustentar de uma nova forma a afirmação da vaidade como causa da virtude, assim iluminando uma vez mais o seu reverso positivo. Trata-se, de certo modo, de fazer o inverso: a saber, de mostrar, não justamente que a vaidade é por vezes uma virtude ou a sua causa, mas que a virtude é “quase sempre” *simples vaidade*.

O pessimismo antropológico de Matias Aires ganha assim novos contornos e reforça o seu cinismo moral: pois, neste momento, não é simplesmente o vício que prima sobre a virtude, senão a própria virtude que vem a ser, numa paráfrase dramaticamente intensificada do dito de Sêneca, o tributo que o vício presta à hipocrisia, isto é, a máscara de que se reveste para poder livremente exercer-se. E o nome desse vício universal e originário é justamente *a vaidade*.

Tal, com efeito, a tese fulcral deste texto: a virtude não é senão “um desvario”, que nada fundamenta para além da “opinião” dos homens, consistindo, portanto, ultimamente numa mera convenção social; e como essa “opinião” é em si mesma contrária à natureza, na medida precisamente em que os homens não nasceram mais “para terem honra que para terem vida” nem são “formados menos para existirem no ser que para durarem na vaidade”, a própria virtude surge sugerida como algo de ultimamente antinatural, pelo menos quando por algum motivo entra em conflito com as exigências da natureza.

Um último aspecto merece, todavia, ser relevado: o fato de a virtude aqui focada (a honra) ser o apanágio tradicional da nobreza, pelo que, para lá da crítica geral à virtude, é também aquela que, através do seu predicado próprio, se pretende atingir.

Ora, este fato é tanto mais curioso quanto o texto que acabamos de acompanhar encontra um

19 Analisamo-la em detalhe ao longo da obra referida na nota 1, em especial nos capítulos IV-VI.

parceiro natural num outro que versa o que se diria ser a virtude própria do clero, a *piedade* (aí considerada na sua dimensão extrema de recolhimento orante), de tal modo que, no conjunto, as duas castas predominantes do Antigo Regime surgem em ambos contempladas. Trata-se de um trecho extremamente sugestivo, que aborda um tipo raro de vaidade, a que poderíamos chamar a *vaidade no retiro*²⁰:

Buscamos a Deus quando o mundo nos não busca; se alguma ofensa nos irrita, deixamos a sociedade não por arrependidos, mas por queixosos, e menos por amar a Deus que por aborrecer os homens. A vaidade nos inspira aquele modo de vingança e parece, com efeito, que o deixar o mundo é desprezá-lo. Assim será; mas quem deseja vingar-se ainda ama e quem se mostra ofendido ainda quer. Amamos o mundo e as suas vaidades; porque o amor de cousas vãs é em nós quase inseparável. O mundo e a vida tudo é o mesmo; e quem há que sem loucura deixe de amar a vida? Tudo no mundo é vão, por isso a vaidade é a que move os nossos passos: para donde quer que vamos a vaidade nos leva e imos por vaidade. Mudamos de lugar, mas não mudamos de mundo.

O texto, que em parte já conhecemos, é decisivo a diversos títulos.

Desde logo, trata-se de um exemplo particularmente provocante daquela “vaidade virtuosa” que há pouco começamos a pesquisar. Com efeito, a vaidade é de novo encarada como conduzindo à virtude, no caso ao recolhimento do mundo e à entrega a Deus. Mas, de novo também – e este o ponto fundamental –, a vaidade é concebida como constituindo, no fundo, uma forma de vaidade.

Todavia, o presente texto vai mais longe: pois, agora, a própria virtude *não pode sequer ser pensada senão como uma forma de vaidade*.

Tal como há pouco, pois, mas com maior vigor ainda, a virtude surge intimamente caracterizada como pura vaidade. Então, se esta lição redundava num adensamento do cepticismo antropológico de Matias Aires, aqui contribui para insinuar aquilo a que poderíamos chamar o seu cinismo teológico. Não é este, todavia, o contributo porventura mais importante desta passagem. Este é, antes, o singular recurso ao vocabulário do amor que aqui começa a ser introduzido, com nada menos do que quatro ocorrências nestas escassas linhas:

(1) “deixamos a sociedade... menos por *amar* a Deus que por aborrecer os homens”;

(2) “quem deseja vingar-se ainda *ama* e quem se mostra ofendido ainda quer”;

20 § 20.

(3) “*amamos* o mundo e as suas vaidades”;

(4) “o *amor* de cousas vãs é em nós quase inseparável”.

Este recurso não é acidental. Pelo contrário, ele constitui uma das chaves fundamentais para situar cabalmente a doutrina matiana da vaidade, esclarecendo a própria vaidade como princípio estruturante do ser homem²¹.

Neste momento, importa, principalmente, realçar o modo como tal vocabulário é aqui introduzido. Dir-se-ia que ele intervém a dois títulos. Em primeiro lugar, para mostrar que amamos e queremos o mundo mesmo quando dele fugimos, denunciando assim a radicação na vaidade da paradoxal renúncia ao convívio dos homens: “quem deseja vingar-se ainda ama e quem se mostra ofendido ainda quer”. Mas, em segundo lugar – e este o ponto decisivo –, para fundamentar a própria verdade da afirmação anterior, mostrando precisamente que o refúgio do mundo constitui ainda um modo enviesado de o amar.

Na aparência, Matias Aires lança aqui mão de um silogismo algo inepto: o mundo é vão; amamos tudo o que é vão; logo, amamos o mundo. A verdade, porém, é tudo se encontra concentrado nesta simples interrogação: “o mundo e a vida tudo é o mesmo; e quem há que sem loucura deixe de amar a vida?” A razão pela qual, pois, nunca fugimos do mundo, a razão pela qual, mesmo quando mudamos de lugar, “não mudamos de mundo”, a razão, numa palavra, porque o mundo está já sempre no nosso inerradicável amor ao mundo, em que propriamente consiste, é que “o mundo e a vida tudo é o mesmo” e *não é possível ao homem deixar de amar a vida*.

Ora, o decisivo nesta afirmação é que nela de algum modo se refaz toda a relação entre a vaidade e a natureza. Sem dúvida, vaidade e natureza continuam a representar pólos opostos e contraditórios: pois, a despeito de não haver quem “sem loucura deixe de amar a vida”, muitas vezes, como vimos, a própria loucura da vaidade induz os homens a preferirem o sacrifício da vida, que, entretanto, não deixam de amar, ao sacrifício de uma vaidade.

Mas, só por isso, o contributo deste texto já seria decisivo ao mostrar que a abdicação da vida não implica que se tenha deixado de amar a vida e, portanto, ao apresentar a contradição entre a

21 Uma vez mais, cumpre remeter para a obra referida na nota 1 (especialmente capítulo V) para a explicitação e desenvolvimento desta tese.

natureza e a vaidade na sua forma mais flagrante e mais extrema, a saber, nos termos do texto, justamente como *uma loucura*, aquela precisamente que consiste em sacrificar a vida, continuando a amar a vida.

A passagem permite, contudo, ir mais longe: sugerindo que a própria abdicação da vida, feita em nome da vaidade, é ultimamente feita também *em nome da vida* e, portanto, que a própria vaidade não é também senão uma forma de amor à vida: “A vaidade nos inspira aquele modo de vingança e parece, com efeito, que o deixar o mundo é desprezá-lo. Assim será; *mas quem deseja vingar-se ainda ama e quem se mostra ofendido ainda quer*”.

Ora, é justamente esta paradoxal persistência do amor e do querer como últimas, incontornáveis e, por isso mesmo, sempre reiteradas motivações do impulso humano que tornam a própria vaidade, até agora concebida como uma força primária, numa das suas figuras (posto que numa figura por assim dizer frustrada e invertida) e decerto na sua figura principal, porque mais universal e originária.

A esta luz, o laço entre a natureza e a vaidade reconstitui-se. Não porque sejam o mesmo: mas porque a própria contradição entre a vaidade e a natureza supõe e é reclamada pela natureza do homem, numa outra, mais abrangente e mais profunda noção de *natureza humana*, de contornos ainda inexplorados. Assim se recupera um sentido positivo da vaidade; assim se unificam inesperadamente os dois pólos opostos que acima havíamos encontrado.

Ora, é justamente esta doutrina que descobrimos num outro texto, onde aquele sentido positivo da vaidade é precisamente o aspecto mais marcante²²:

Se a melancolia nos desterra para a solidão do ermo, não deixa de ir conosco a vaidade; e então somos como uma ave desgraçada que, por mais que fuja do lugar em que recebeu o golpe, sempre leva no peito atravessada a seta; nunca podemos fugir de nós: para donde quer que vamos, imos com os nossos mesmos desvãos, se bem que as vaidades do ermo são vaidades inocentes. A natureza não tem lá por objeto mais do que a si mesma e a vaidade que tem na complacência com que se contempla consiste em refletir nos enganos do século e sobre as verdades da solidão; e, se alguma vez chega a ser excessiva essa mesma complacência, não importa; porque a vaidade de ser virtuoso também parece que é virtude; e assim vimos a ter naquele caso um vício que nos emenda e um defeito que nos melhora.

22 § 37. Cf. ainda §§ 45 e 47.

Eis, claramente, os grandes traços que havíamos surpreendido no texto anterior: a representação da singular vaidade do eremita; a ironia com que se retrata essa vaidade, recorrendo a um vocabulário de evidente recorte contemplativo, como é o caso quando ela é feita consistir numa meditação sobre os “enganos do século e as verdades da solidão”; a reafirmação da irrecusabilidade do mundo, aqui convertida na consciência subjetivante de que “nunca podemos fugir de nós”; e, finalmente a consagração da doutrina segundo a qual a virtude é fundamentalmente vaidade.

A valorização positiva destas noções é, contudo, a grande novidade deste trecho. No entanto, é também essa mesma novidade que vem confirmar a lição atrás colhida. Com efeito, a simpatia com que se procede aqui à caracterização deste tipo de vaidade, comparando o que se refugia do mundo a “uma ave desgraçada que, por mais que fuja do lugar em que recebeu o golpe, sempre leva no peito atravessada a seta”, estriba-se manifestamente naquela subordinação da vaidade a um amor abortado e a um querer contrariado e suspenso que o texto precedente havia anunciado.

Mas, o mesmo sucede, porventura com maior vigor ainda, no que toca à tese que identifica a virtude com uma forma camuflada de vaidade. Aparentemente, o texto diz o contrário, a saber, que “a vaidade de ser virtuoso também parece que é uma virtude”. E nisto consistiria a versão positiva daquela tese, reconstituindo dialeticamente a vaidade como uma virtude, na medida em que “nos emenda” e “nos melhora”. Não é assim. Nem por um momento, com efeito, se suspende a recondução da virtude à vaidade: apenas se reconhece que, porque essa vaidade consiste em “ser virtuoso”, ela é, para todos os efeitos práticos, uma virtude. Só que justamente, do ponto de vista da moral que aqui se escarpeliza, a virtude não é uma questão de efeitos práticos: é, ou deveria ser, uma questão de reta intenção.

Ora, quando, na leitura matiana, se reduz a virtude à vaidade, nega-se *eo ipso* a virtude neste sentido: a “virtude” é apenas uma vaidade, portanto, *um vício*, que, no entanto, porque se envaidece em ser virtuosa, acaba por ser *de fato* uma virtude. Não se trata, pois, de declarar que a vaidade é virtude onde outrora se afirmava que a virtude era vaidade. Trata-se de completar esta última lição, concedendo o truísmo segundo o qual, porque a virtude é vaidade, *esta vaidade* é uma virtude. Nesta medida, o que aqui se assiste é, no fundo, à mais completa laicização e relativização da virtude. Não há virtude no homem: a única virtude que há é a que provém de ele se abster do vício

por mor de um outro vício (a vaidade), ou, de outro modo, a que provém de ele se abster do vício por mor de si próprio e de uma imagem de si próprio que lisonjeia a sua vaidade. Numa palavra, pois, a única virtude possível reside em que os homens simplesmente se abstenham de praticar o mal – ainda que seja pelos piores motivos.

A “virtude” de Matias Aires é, portanto, uma virtude *puramente social* e só tem sentido na relação dos homens com os outros homens ou consigo mesmos “enquanto outros”; o próprio fundamento dessa virtude tem de ser, outrossim, um fundamento puramente social, pois só o convívio no interior de uma sociedade lhe pode comunicar aquela vaidade da virtude que tão completamente contradiz a sua natural tendência para o vício.

Ora, este é, precisamente, o aspecto positivo da vaidade: o de, provindo muito embora da mesma perversidade natural que conduz frequentemente o homem a agir mal, levá-lo por vezes a “obrar bem”, induzindo-o desta forma a praticar a virtude... por vício.

Daí precisamente as infinitas máscaras de que a vaidade se reveste, a limite de todas as virtudes reconhecidas, mesmo daquelas que com ela mais plenamente contrastam.

E isso o que o próprio Matias vem a reconhecer, ao mencionar, como derradeira “vaidade virtuosa”, a vaidade na própria humildade²³:

Com todas as paixões se une a vaidade; a muitas serve de origem principal; nasce com todas elas e é a última que acaba: a mesma humildade, com ser uma virtude oposta, também costuma nascer da vaidade; e, com efeito, são menos os humildes por virtude do que os humildes por vaidade; e ainda dos que são verdadeiramente humildes é raro o que é insensível ao respeito e ao desprezo e a isto se vê que a vaidade exercita o seu poder ainda donde parece que o não tem.

Este o momento em que Matias Aires mais longe leva a sua análise da vaidade e, ao mesmo tempo, aquele em que, de modo mais pleno, evidencia a sua estrita universalidade: mesmo o que há de mais contrário da vaidade, a humildade, “costuma nascer da vaidade”; e, quando não é assim, a vaidade possui em todo o caso nela algum lugar, de tal modo que a vemos exercitar “o seu poder ainda donde parece que o não tem”.

Ora, é neste preciso sentido que se pode compreender também o quarto e último grupo de tipos extremos de vaidade. Neste caso, trata-se de um conjunto com um único elemento. Mas esse

23 § 7. Cf. §§ 82, 84.

elemento é sem dúvida o mais esclarecedor, pois é o da vaidade *de não ter vaidade*. A este respeito, diz Matias Aires²⁴:

O não fazer caso do que é vão também pode nascer de uma excessiva vaidade e a este grau de vaidade não chega aquela que é medíocre e ordinária; e desta sorte o excesso no vício da vaidade vem a produzir a aparência de uma virtude, que é a de não ser vaidoso (...). Na maior parte dos homens se acha os mesmos gêneros de vaidade e quase todos se desvanecem dos mesmos acidentes, de que estão, ou se imaginam, revestidos: porém alguns há em quem a vaidade é misteriosa e esquisita; porque consiste em desprezar a mesma vaidade e em não fazer caso dos motivos em que se funda a vaidade dos outros.

3. Considerações finais

Verdadeiramente, pois, “tudo são produções da vaidade”: e, por isso mesmo, até o “não fazer caso do que é vão” constitui uma espécie de vaidade e, na realidade, o seu tipo extremo e derradeiro.

The virtues as vanity in Matias Aires' ideas

Abstract: “Only the vanity is persistent in us”. Martin Aires used this expression to emphasize the singularity of the vanity study and to convert the simple empirical verification of its universality, thinking vanity as a universal principle. The extreme types of vanity are: At first, vanity associated with some castes (clergy, nobility and intellectual elite). As a second type, we can find vanity experienced in some limit-situations (torment and disgrace). The third type is the vanity as the virtue cause. And the last one is vanity itself. This study is going to present these kinds of vanity and specially the third one inside Matias Aires' philosophy.

Keywords: vanity; nature; love; virtue.

Data de registro: 10/06/2011

Data de aceite: 13/07/2011